

# Redação em Gotas

Edição nº 33

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela de Freitas Marques

## DICA: A língua viva. O ano de 1922. Primeira Parte.

**Os anos 20 foram anos de ruptura.** No Brasil de 1922, a presidência de Eptácio Pessoa aproximava-se do seu ocaso e, *em pleno fevereiro*, a língua viva, o rompimento das formas e a contestação dos cânones na busca de uma identidade e de uma alma brasileiras assolaram, como a febre e as tempestades, toda a tradição estabelecida. O cenário, **São Paulo, no Theatro Municipal**; a semana, conhecida como a Semana de Arte Moderna de 1922.

Graça Aranha, *autor de Canaã*, abre a Semana de Arte Moderna com o discurso intitulado. “*A emoção estética na arte moderna*”<sup>1</sup>:

“ Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma aglomeração de “horrores”. Aquele gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros “horrores” vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado. Missão não é leve: cada homem é responsável pelo mundo inteiro. ”

O “horror” causado pela desobediência aos cânones vigentes, as vaias e os relinchos do público, a comoção provocada estava atrelada à ruptura da tradição. O Direito vive pela tradição, escreve-se no vernáculo e pensa por meio de formas e de formalidades. *Onde a sua identidade e a sua chama?* Precisaríamos da liberdade e da transcendente extravagância ou, hoje, cem anos passados, somos apenas sombras e intolerâncias, cadinho de políticas e normas jurídicas trasladadas do estrangeiro? *Oswald de Andrade e Mário de Andrade, Anita Malfatti e Menotti Del Picchia, Villa-Lobos e Di Cavalcanti, Victor Brecheret* e outros, os nomes desfiam-se e desfilam e entrelaçam-se à rebeldia jamais perdida, mas tornada eterna.

O Brasil iria comemorar 100 anos da Independência: os imigrantes aqui aportavam, desesperançados e empobrecidos, como o “*Homem Amarelo*” de Anita Malfatti; Di Cavalcanti trazia a estética das xilogravuras, simples e brasileira, no catálogo da exposição; Victor Brecheret apresentava a escultura “*Sóror Dolorosa*”, inspirada no livro de Guilherme de Almeida, no qual se lê: “*(...) Só/de pó/ Deus o fez./ Mas ele, em vez de se conformar, quis ser sol & ser mar./ E ser céu... Ser tudo, enfim!*”<sup>2</sup>.

É a **estância da ambição** – a ambição que nos perde, que nos destrói e que nos torna lodo e lama. Os meses passaram-se naquele longínquo ano de 1922. Artur Bernardes, na velha política do café com leite, com o nome indicado para a Presidência, despertou revoltas militares por cartas que supostamente teriam sido escritas por ele e, *apesar de comprovada e sabidamente falsas*, a revolta militar desencadeava-se. O cenário muda para o **Rio de Janeiro, no Forte de Copacabana**; o movimento, conhecido como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, raízes do *Tenentismo, desejosos de ruptura com as oligarquias de São Paulo e de Minas Gerais*.

No lance final da Revolta, onde houve unicamente a sublevação do Forte de Copacabana, 17 militares saíram à rua e contaram com a adesão do civil, Otávio Correia. Era a marcha em direção à morte: somente Siqueira Campos e Eduardo Gomes sobreviveram. Não somos sol, nem mar, nem céu. Somos frágeis: poesias sem rimas, música extravagante, sonhos desvairados, esperanças realizadas. A língua vive e morre – a coragem guarda o grão de loucura. Se não formos corajosos, não haverá fantasias senão realidades estilhaçadas e a árvore de 1922, *no cartaz de Di Cavalcanti*, repleta de frutos vermelhos aludirá às romãs no reino de Hades.

<sup>1</sup> ARANHA, Graça. *A emoção estética na arte moderna*. Disponível em: [Discurso de abertura da Semana de Arte Moderna - por Graça Aranha | Lusalingua](#). Acesso em: 13 fev. 2022.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Guilherme de. *Livro de horas de Sóror Dolorosa: a que morreu de amor*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1920. (Coleção Casa Guilherme de Almeida – Arquivo digital acessível no museu). Apud SILVA, Ivanei. *Sóror Dolorosa: uma tradução em bronze*. Poésis: Gestão Cultural. Disponível em: [TextoSororDolorosa.revMarcelo1.pdf \(casaguilhermedealmeida.org.br\)](#). Acesso em: 13 fev. 2022.